



GOIÂNIA, 90 ANOS

GOIÂNIA, 90 YEARS OLD

 <https://doi.org/10.46401/ardh.2024.v16.21228>

Rafael Alves Pinto Junior

Instituto Federal de Goiás (IFG- Jataí)

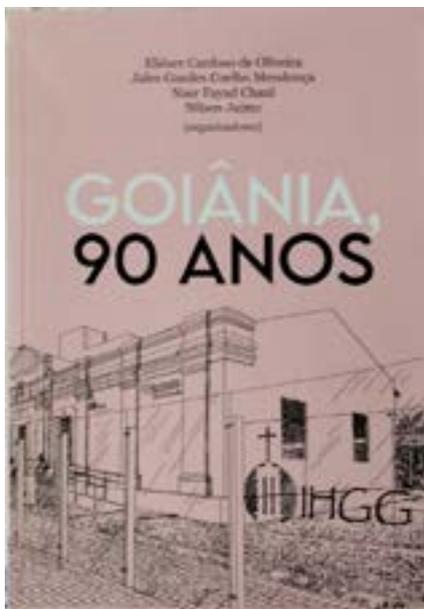
 <https://orcid.org/0000-0002-8439-9586>

rafael.junior@ifg.edu.br

Recebido em 15 de maio de 2024

Aceito em 18 de junho de 2024

OLIVEIRA, Eliézer Cardoso de; MENDONÇA, Jales Guedes Coelho; CHAUL, Nars Fayad; JAIME, Nilson. **Goiânia, 90 anos**. Goiânia: Edições Goiás + 300, 2024, 336 p.



Se na atualidade, é uma verdade científica que a arte traduz as tendências da civilização, como a música e a pintura, o estilo de nosso edifício, simples, rígido, harmonioso, mas sem artifícios de abóbadas e enfeites inúteis de docéis e capiteis, mais exata, mais positiva, que preside a orientação da cultura histórica em nossos dias.

Na nova Capital que é, ao mesmo tempo, a síntese de todas as conquistas e glórias do **Passado**¹, a consciência do momento histórico da civilização do **Presente** e a previsão arrojada, sábia, científica, do **Futuro** – não era possível que se deixasse de erguer uma guarida para a cultura da história, para o estudo da geografia. (SILVA, 1940, p. 14).

Essas palavras foram proferidas pelo presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG), Colemar Natal e Silva, em 25 de junho de 1938 no lançamento da pedra fundamental da

sede própria da instituição. O Instituto havia sido concretizado ainda na antiga capital em 1932, resultado dos esforços de José Honorato da Silva e Souza que participava do governo do Interventor Pedro Ludovico Teixeira no cargo de Secretário do Interior e Justiça. José Honorato, além de regulamentar o ensino

1 Destaque em negrito no original.

normal, lutou para a criação do Arquivo Histórico e Geográfico de Goiás. Goiás era naquela época, à sua avaliação, o único estado da Federação que não tinha sua história escrita. Os documentos jaziam inertes nos arquivos aguardando alguma iniciativa. Mas o momento, proporcionado pela “soberba arrancada liberal que teve seu epílogo no memorável 24 de outubro”, era de exacerbado otimismo (SOUSA, 1931, p. 39). Ao interventor Pedro Ludovico e na presença de 15 dos 23 sócios fundadores, o advogado e professor Colemar resumiu as imodestas pretensões do IHGG na nova capital. Um empreendimento que se colocava, ao mesmo tempo, sendo síntese de todas as conquistas do passado, consciência do momento histórico do processo civilizatório e previsão de um futuro de bem-aventuranças. Enquanto projeto, Goiânia era então a cidade das realizações ousadas dado que já havia nascido “grande’ e projetada para “irradiar o progresso”. Para que este futuro glorioso se concretizasse, a nova capital não poderia seguir esquecendo a antiga. Eram cidades que se completavam e deviam entender que deviam “viver unidas” daí em diante. Uma representava a tradição, tradução de um passado “repleto de recordações gratas e afetivas, de glórias legítimas, de louros imperecíveis”. A outra representava o futuro, a materialização do espírito da “época e um prenúncio da vertigem do porvir” (SILVA, 1940, p. 15).

Para Colemar Natal e Silva, o Estado Novo em Goiás, apresentado como inevitabilidade histórica e desfecho racional do conturbado panorama político do país, não devia apagar o passado colonial que a antiga capital representava. Aos ideais de afirmação política de Pedro Ludovico, a ideia de progresso e mudança servia como uma luva para anular os entraves da elite encravada na velha cidade. Diante deste cenário de mudança inevitável da capital, a intelectualidade reunida no IHGG se preocupava em não apagar o passado. A modernidade oferecia a oportunidade de um lastro que, para eles, deveria ser mantido. A ação política do IHGG, ao se afirmar com autoridade intelectual, se propunha a modelar o novo quadro social que se desenhava. Inserindo-se enquanto fonte de um estado colocado frente a ação imperativa de ressignificar localmente a própria nacionalidade. Reflexo de um movimento que havia sido desencadeado pelo pensamento de Gilberto Freyre, Caio Prado e Sérgio Buarque de Holanda.

A mudança da capital de Goiás, notadamente para os membros do IHGG, não foi recebida com temeridade. Ao contrário. Tratava-se de uma oportunidade imperdível de afirmação. Estava na própria gênese da instituição que representava, em Goiás, a conciliação de uma contradição aparente: o espaço

moderno, internacionalista, não determinava a exclusão das especificidades regionais que constituíam sua própria identidade cuja valorização integrava-se ao contexto regionalista.

Oitenta e cinco anos depois das palavras do professor Colemar Natal e Silva, o IHGG realizou, entre 18 e 20 de outubro de 2023, o simpósio *90 anos de Goiânia*, reunindo uma plêiade de intelectuais dedicados à análise da cidade nonagenária. A publicação *Goiânia, 90 anos* é o produto dos estudos do referido simpósio, preludiando o vindouro centenário a ser celebrado em 2033. A disposição em se posicionar frente à relação entre as dimensões coletivas da história e a ação intelectual individual, para a instituição, aparece de maneira similar àquela de seu momento inaugural. Frente às questões e questionamentos impostos pela contemporaneidade urge, aos interessados em uma mínima compreensão, reflexionar. Diante de novos caminhos, importa ressignificar.

Organizado por Eliézer Cardoso de Oliveira, professor da Universidade Estadual de Goiás; Jales Guedes Coelho Mendonça, promotor de justiça e atual presidente do IHGG; Nars Fayad Chaul, professor aposentado da Universidade Federal de Goiás e Nilson Jaime, engenheiro agrônomo e atual presidente do Instituto Cultural e Educacional Bernardo Élis Para os Povos do Cerrado, a publicação está dividida em três partes. Não cabe aqui uma análise dos artigos individualmente para impor uma frustração aos interessados. A perspectiva de uma obra coletiva é, por definição caleidoscópica.

A primeira parte, nomeada *História e Injunções Políticas*, contem seis artigos dedicados a aspectos da história local sob a ótica dos interesses e pressões políticas que resultaram na criação da cidade. *Higienismo, Intervenção médica e Mudança da Capital*, de Francisco Itami Campos, analisa o discurso higienista enquanto justificativa ideológica para a mudança da capital. *Os 10 anos do livro "A Invenção de Goiânia: o outro lado da mudança" e os rastros de genocídio cultural*, de Jales Guedes Coelho Mendonça está dedicado a revisitar as hipóteses pesquisadas em sua obra em torno da questão da transferência de instituições e funcionários públicos da cidade de Goiás para Goiânia. *Campinas, a Igreja e Goiânia*, de Antônio César Caldas Pinheiro, destaca o apoio dos religiosos católicos Redentoristas sediados em Campinas em oposição ao então bispo Dom Emanuel Gomes de Oliveira. *Goiânia: os impactos de sua criação em Campinas*, de Itaney Campos salienta a relação entre a capital e o processo de fagocitose da cidade de Campinas. *Goiânia, entre o racionalismo da técnica e o pragmatismo*

da política, de Eliézer Cardoso de Oliveira recorta as escolhas aparentemente técnicas – o nome “Goiânia” e a escolha do dia 24 de outubro para o lançamento da pedra fundamental – que estavam na superfície do discurso. Sob este estavam os interesses políticos que produziram o domínio do interventor Pedro Ludovico. O último artigo desta parte, *O irresistível progresso de Goiânia* na primeira metade dos anos 1950, de Iúri Rincon Godinho mostra a década de 1950 como período decisivo para a consolidação sociológica da cidade. Ainda relativamente provinciana e desarticulada, Goiânia passaria a outro patamar com o novo panorama desencadeado com a implantação de Brasília na década de 1950.

A segunda parte, nomeada *Arquitetura e Urbanismo*, contém quatro artigos. A *Arquitetura e o Urbanismo goianiense na poética produzida em Goiás*, de Elizabeth Abreu Caldeira Brito trata-se de uma abordagem poética da representação do próprio fazer arquitetônico que a autora identifica e relaciona com Goiânia. *Goiânia pré-moderna e aspectos do planejamento: planos diretores de 1960, 1970 e 1980*, de Jacira Rosa Pires é produto de um testemunho autobiográfico enquanto profissional do urbanismo. Uma personalidade diretamente envolvida na elaboração de diversos planos diretores que ambicionaram impor algum controle no crescimento e no uso do espaço urbano continuamente crescente. O mesmo caráter de depoimento biográfico pode ser identificado em *Goiânia, cidade bem-nascida: convivência com a capital desde a infância*, de Narcisa Abreu Cordeiro. O último texto desta parte, *Marcos da Arquitetura em Goiânia (1930-1980)*, os arquitetos e urbanistas Eurípedes Afonso da Silva Neto e Lenora de Castro Barbo brilhantemente destacaram uma produção arquitetônica que vai além da já estudada *Art Déco*, que não foi a única expressão arquitetônica na capital. Marcada pela renovação e modernidade a arquitetura construída em Goiânia no período selecionado aparece resultante da produção de diversos profissionais e obras em vários estilos. Nomes locais, de outros estados e até personalidades reconhecidas internacionalmente contribuíram para formar um outro conjunto patrimonial.

A terceira e última parte, nomeada *Elementos Culturais e Estéticos*, com seis artigos encerram a coletânea. *Goiânia, 90 anos*, de Nars Fayad Chaul recapitula suas já conhecidas reflexões referentes à identidade goianiense: cidade inserida na dualidade progresso e sertão para equacionar o pensamento utópico dos entusiasmados apoiadores da Revolução de 30. *As culturas em Goiânia: enraizamento, tensões e travessias*, de Eguimar Felício Chaveiro reflete

sobre outros olhares à cultura local que vai além dos monumentos. Inclui, ao reconhecer o dinamismo característico do processo cultural, outros saberes e práticas oriundas do cotidiano da relação dos habitantes com o próprio território. Os textos *A cena musical goianiense e a banda Nilo Peçanha*, do Instituto Federal de Goiás, de Marshal Gaioso Pinto, *A gênese dos festivais musicais em Goiânia*, de Hamilton Carneiro e *A cultura erudita em Goiânia: o Teatro de Miguel Jorge*, de Ademir Luiz Silva formam um conjunto. Constroem um panorama de expressões culturais que permitem ver contribuições além do tradicional universo sertanejo divulgado pela mídia local e nacional. Orquestras, bandas, rock, música popular brasileira, festivais musicais, produções literárias e teatrais demonstram a existência de diálogos criativos construídos localmente. Finalizando a terceira parte e, conseqüentemente, a coletânea, o texto *O cronista e historiador Bernardo Élis: arquétipo de um cidadão geral que adotou a erma Goiânia*, de Nilson Jaime analisa a obra e a ação política de Bernardo Élis. Para isto, destacou-se a crônica "Receita goiana para mudar uma capital" publicada em "Goiás em sol maior" datado de 1985. O célebre escritor, imortalizado na ABL, praticamente resumiu a angustiosa dualidade do processo de mudança da capital: da ancestral Cidade de Goiás que se abandonava à sonhada Goiânia que se ambicionava construir. Um processo não indolor marcado pelo autoritarismo tutelado por Pedro Ludovico, por personagens anônimos da antiga capital que apoiavam a mudança e pelas dificuldades, agitações e arbitrariedades no cotidiano dos primeiros anos da nova cidade.

Os organizadores, junto a cada capítulo, tiveram a sensibilidade de incluir ilustrações em bico de pena executadas pelo artista plástico Divino Ferreira de Magalhães. Natural de Goiás e formado em Artes Plásticas pela Universidade Federal de Goiás, o artista retratou diversos pontos de vista, edifícios marcantes da produção *Art Déco* e ângulos que seu olhar atento destacou como identitários do espaço urbano.

A coletânea marca uma data e fecha um ciclo de debates. A partir daí outro deve ser aberto. Um que inclua a responsabilidade social que envolve um projeto urbanístico, tratado como construção atenta às múltiplas subjetividades que compõe o espaço urbano. Ao mesmo tempo em que intelectuais se reúnem para refletir sobre os 90 anos da capital de Goiás, na prática, a crise urbana torna-se mais aguda: segregação socioespacial, incapacidade de retomada econômica, degradação ambiental incontrolável, insegurança crescente, violências e

dificuldades de mobilidade parecem obstáculos intransponíveis. Tudo isto inscrito em uma perspectiva de alterações climáticas drásticas e imprevisíveis a cobrar ações urgentes.

Aos pensadores, questões da história, fundiárias, o acesso ao solo urbano, a democratização da gestão e a participação social no processo de planejamento são aspectos contemporâneos que tornar-se-ão imprescindíveis quando, daqui a dez anos, novos questionamentos se colocarem diante da cidade centenária. Resta-nos aguardar.

Referências

SILVA, Colemar Natal e. Lançamento da pedra fundamental do edifício do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás**. Goiânia, n. 1, mai, 1940, p. 14. Disponível em: https://hemeroteca.ihgg.org/publicacao.asp?PUB_IDEN=36&E-DI_IDEN=47. Acesso em 22 mai 2024.

SOUSA, José Honorato Silva e. Regulamento do Ensino Normal em Goiás. **A Informação Goyana**. Rio de Janeiro, n. 6 e 7, v. XV, jan e fev, 1931, p. 39. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/176648/2605>. Acesso em 22 mai 2024.